

# a n t o l o g i a

## TEMAS EDUCACIONAIS

por DOMINGO BARNÉS

(Tradução e selecção de CLÁUDIO REVEL)

### A ACTIVIDADE LIVRE

Que exercício é esse que há-de incrementar o desenvolvimento do menino, em obediência àquela lei biológica que Rousseau já previu e a qual preside à relação do mútuo aperfeiçoamento entre o órgão ou estrutura e a função? Só pode ser uma actividade que o interesse e não evidentemente essas «destrezas» que Washbourne tanto se apressa a proporcionar-lhe para que possa afrontar as duras competências da vida. Pelo menos não lhe interessarão como destrezas, isto é, como trabalhos. Todos os interesses da infância se unificam num só interesse, o jogo, tudo pode interessar-lhe por meio do jogo.

Em troca, ao adolescente já deve interessar-lhe o trabalho como trabalho, isto é, como vitória sobre a resistência do material empregado, como esforço e consecução dum rendimento útil, exterior e objectivo, em suma, dum produto. Mas este produto deve interessar-lhe por si mesmo, não pelo seu preço, pela paga. E é esta a nota essencial que há-de ter o trabalho do adolescente se quisermos que seja verdadeiramente educativo e nos não afanarmos a imprimir na sua alma o estigma da servidão dum trabalho de escravo. E para isso o trabalho deve conservar alguns dos caracteres essenciais da cantreira de que procede: o jogo infantil, com a sua actividade criadora, com o seu espírito de desinteresse mantido agora com maior esforço, com a sua espontaneidade, com a sua sinceridade e, sobretudo, com a sua alegria.

### O DESPORTO COMO MANEIRA DE EXTERIORIZAR A PERSONALIDADE

O livro e a concepção de C. B. Andrews, acerca da *educação da adolescência*, é totalmente um canto monocórdio à personalidade. E não obstante a visão acanhada e parcial, é inegável que consegue dar ao tema o relêvo que merece. A adolescência não é senão o período em que a personalidade se afirma. Nos alvares da adolescência, a percepção que o rapaz tem de que a sua individualidade não é igual à dos outros homens, produz uma ansia de exteriorizar essa diferença e um de-

sejo ardente de, em todos os actos, mostrar ao mundo exterior a sua própria personalidade. Unicamente de maneira gradual, nos inteiramos de que não há apenas processos bruscos mas também paulatinos de nos manifestarmos, e que a expressão do sentir peculiar de cada um pode ser produto dum pensamento momentâneo, mas também pode sê-lo dum vida inteira de fundo cogitar e madura reflexão; sem embargo, a ideia de lenta e ponderada afirmação da personalidade vai, inevitavelmente, ganhando vulto no espírito juvenil, e ao menino conchado sucede o adolescente já mais cauteloso. O desejo de afirmar a personalidade não diminui, antes pelo contrário, aumenta durante a adolescência, e é a própria compreensão do facto que produz a calma e a timidez do adolescente durante o seu desenvolvimento. Aos dez ou doze anos já não se contenta com acções súbitas, espontâneas, determinadas por puro impulsivismo, e começa a tatear, buscando na vida algum interesse mais concentrado, alguma forma de expansão diferente. Na opinião daquele autor, a disciplina habitual em colégios e internatos, representa um dano gravíssimo, porque sufoca a personalidade. «Quando o rapaz abandona a escola e entra no mundo, descobre com surpresa que a vida não é composta de homens desobedientes e escravos obedientes; mas que consiste, sim, numa liberdade limitada, que incessantemente oferece ao indivíduo alternativas bem ponderadas para que possa escolher. E como a escola raras vezes lhe permitiu a livre escolha das suas acções, vacilla e encontra poucos precedentes na sua vida escolar que possam guiá-lo agora. A acção automática é o fruto da obediência forçada, e, na realidade, muitos mestres não fazem mais que provocar o automatismo, quando pretendem estar fortalecendo a disciplina. O excesso de disciplina gera com frequência a necessidade de maior disciplina».

Quanto ao desporto não tem valor algum se não oferecer ensejo ao aluno de manifestar a sua personalidade. «O atleta exercitado poderia constituir um estudo excelente para o artista ou para o médico, porém aos educa-

dores, cuja tarefa é o desenvolvimento interno, não o externo, deve parecer-lhe quasi desprovido das mais importantes qualidades humanas. Há rapazes cuja maior força de iniciativa se revela na preocupação do desenvolvimento físico; para estes, o músculo desenvolvido é realmente a expressão do que neles há de melhor; mas a maioria dos rapazes imitam o efeito desse desejo pela expansão muscular, sem que sintam o verdadeiro prazer da livre expansão das forças corporais, conação única que faz do atletismo algo de elevado e são.

Todo o lado psicológico da educação se ressentia da falsa crença, vulgarmente professada, de que o atletismo é em si mesmo algo de excelente e não o que é realmente: uma forma de expressão da personalidade. O benefício do atletismo não deve apreciar-se pelo êxito alcançado em certos desportos, mas tão somente pela quantidade de expressão da iniciativa própria que faculta ao adolescente. O desejo de afirmar a sua personalidade é muito mais veemente que o simples facto físico do atletismo, e mesmo que este possa resultar daquele, não existe uma relação necessária de causa e efeito».

### EDUCAÇÃO SOCIAL

Há neste problema uma ambigüidade de termos que ameaça produzir séria confusão no sector educativo. Formula-se o problema pedagógico da educação do indivíduo no seio da sociedade ou do cidadão, no seio da pátria, retrotraíndo-o, como é natural, às suas raízes sociológicas. Os fins deste, como os de todos os pontos de vista educacionais, temos que procurá-los na Pedagogia, na Ética—como queria Herbart—e ainda mais amplamente, integrando o problema, na Biologia. E já nesse terreno, surge uma dramática oposição. Se a educação respeita a individualidade do educando, se se procura inclusivamente fomentá-la, estimulá-la, proporcionar-lhe condições de liberdade para o desenvolvimento do carácter pessoal e das aptidões e vocações, só pensar-se que poderia quebrar-se a unidade social sacrificando-a ao triunfo das qualidades individuais. Pre-

ferível pareceria neste caso sacrificar a variedade individual em proveito da homogeneidade social para que o indivíduo, amputado na medida do possível de toda a originalidade que possa comprometer a uniformidade, considerada como única garantia da vida social, se converta, acima de tudo, em membro submisso e disciplinado do grupo social a que pertence.

Aqui se destaca claramente a confusão do problema sociológico com o pedagógico, e a ambigüidade dos termos em que ambos são propostos. Sociologicamente e ainda biologicamente, os mecanismos da imitação, do contágio mental e da sugestão do grupo, asseguram, salvo casos anormais que não são para aqui, a suficiente assimilação do indivíduo pelo grupo social a que pertence. O perigo é inverso: que o indivíduo reproduza com excessiva uniformidade um tipo social abstracto e frio, sem espontaneidade e, portanto, sem nervo nem vida. Uma sociedade vale tanto quanto valem os seus indivíduos, os seus elementos componentes, o cidadão, o homem, e o homem vale tanto mais quanto mais alto e mais longe dilata as suas características humanas e sociais, mas também as individuais, com a ampla variedade e a fecunda diversidade da vida.

### A «TRAGÉDIA DOS PAIS E DOS FILHOS»

Assim costuma enunciar-se com fundo sentido dramático essa hostilidade, surda e latente umas vezes e outras inflamada e patente, que só estalar entre pais e filhos quando estes chegam à adolescência, principalmente quando chegam com estridores e crises subitâneas. É a contradição entre o egoísmo dos filhos e a incompreensão (como toda a incompreensão, intolerante) dos pais.

Os ódios reconcentrados e as antipatias repentinas que às vezes se apossam do adolescente, os novos impulsos e as trevas súbitas e as impaciências e desassocção em que se debate; essa ansia por encontrar o seu eu entre contradições e sombras, esse desvanecer-se às vezes atribuindo-se virtudes e possibilida-

(Continua na página dezasseis)